


O DESEJO *mais* *Escaldante*

Para as fãs
dos livros de
E L James
e Sylvia Day



Quando o segredo
mais sombrio conduz
à mais acesa das paixões.

J. KENNER

Autora Vencedora do Prémio RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

TOP
SEL
LER

Para o grupo de fãs Kenner Krew — vocês são o máximo!

As primeiras memórias que tenho são do Dallas. De estar com ele. De me rir com ele.
De o amar.

Não me lembro de quando me apercebi de que isso era errado, de quando compreendi realmente que tínhamos de guardar segredo em relação ao nosso crescente desejo secreto. Só sei que brilhava dentro de nós, uma centelha apenas à espera de se atear. E, quando o pior aconteceu — quando ficámos presos, juntos, na escuridão —, deixámos de nos importar com regras e expetativas, tabus ou castigos.

Tudo o que queríamos então era sobreviver. Só nos importava encontrar conforto nos braços um do outro, e o mundo exterior que se danasse.

Em alguns sentidos, essas semanas longas e sombrias foram as melhores da minha vida. Aterradoras e horríveis, sim, mas éramos um do outro. Absolutamente. Completamente.

Depois, no mundo real, separámo-nos, e tudo o que tínhamos sido um para o outro foi posto de parte. Enterrado.

Uma memória preciosa. Um interlúdio traumático.

Um erro.

Porque somos irmão e irmã — unidos com tanta intensidade pela adoção como se tivéssemos laços de sangue — e, no entanto, estamos igualmente unidos pela carência. Pelo desejo. Pelo amor.

Ao longo de 17 anos, travámos uma batalha contra o nosso desejo, mas isso agora chegou ao fim. Já nenhum de nós consegue lutar mais e sucumbimos ao céu nos braços um do outro.

É um amor proibido, uma paixão oculta.

É um segredo e tem de continuar assim.

Mas os segredos assustam-me, porque as coisas escondidas no escuro têm poder.

Eu e o Dallas sabemos isso melhor do que ninguém.

Por isso, embora agora seja mais feliz do que nunca, também me sinto mais assustada do que alguma vez me lembro de ter estado. Porque agora compreendo perfeitamente o que está em jogo.

Conheço o poder dos segredos.

E sinto um medo terrível de que o nosso segredo nos destrua.

1

PERFEITOS E MALDOSOS

O universo é completamente injusto.

Durante quatro dias longos e soberbos, esta mansão de Southampton foi o meu paraíso pessoal. Aqui o meu corpo foi adorado. A minha pele acariciada. O meu sangue ardeu com uma paixão que se acumulara ao longo de 17 anos. Fui tocada, beijada e venerada pelo homem que amei durante toda a vida e, em troca, gozei da liberdade de explorar cada centímetro dele. Os meus lábios no seu maxilar forte, nos seus abdominais musculados. A minha língua a provar o doce da sua pele e o salgado do seu pénis.

Fizemos amor com ternura, depois com violência e, de novo, com ternura. Enrolámo-nos nos braços um do outro. Assistimos a programas de televisão ao final da noite com as pernas entrelaçadas, até a sensação de pele contra pele nos assoberbar e abafar o som aos apresentadores para nos explorarmos de novo à luz intermitente da televisão.

Nadámos nus na piscina durante o dia e depois caminhámos pela praia ao luar.

Esses dias foram uma dádiva. Uma recompensa.

Um céu delicioso e sensual.

Mas tudo isso mudou hoje de manhã e, agora, esta mansão que adoro transformou-se num inferno. Um inferno luxuoso, com brisas oceânicas frescas, um bar, criados de libré a oferecer *sushi* e canapés, e o homem que amo a apalpar o rabo de uma loura empertigada com mamas que a qualquer momento saltarão daquele vestido minúsculo, basta que ela espirre.

Cabra.

E não sou a única a conspirar mentalmente para a queda da Cabra Lourinha. Pelo contrário, tenho a certeza de que todas as mulheres nas redondezas a abateriam num segundo para ocuparem o seu lugar ao lado dele. *Do Dallas Sykes*. O infame milionário rebelde. O homem conhecido publicamente como um dos dois herdeiros da fortuna da família Sykes, e a quem mulheres por todo o país se referem com reverência como o Rei do Sexo.

O homem que eu amo.

O homem que posso ter em privado, mas nunca em público.

O homem que é meu irmão.

Foda-se.

A cabra aproxima-se mais dele e, quando os dentes dela lhe puxam o lóbulo de uma orelha, viro costas — há limites para o tormento que aguento — e vou direto ao bar.

— *Woodford Reserve* — digo ao *barman*. — Dois cubos de gelo. — Lembro-me da forma como a mão dele lhe agarrava o traseiro. — Na verdade, que seja duplo.

— Com certeza, menina.

A meu lado, uma tipa magra como uma modelo de passarela, com pelo menos mais oito centímetros de altura do que eu, dá um gole no seu copo de vinho tinto.

— Coisa forte, hã? Suponho que esteja a cantar a mesma canção que eu.

Olho para ela, confusa.

— Desculpe?

A boca dela curva-se de uma maneira que lhe torna as maçãs do rosto ainda mais proeminentes. Parece uma fada, com a pele pálida e o cabelo curto e escuro. Uma fada maliciosa, corrijo-me, ao ver o brilho nos seus olhos azuis-claros.

— A *Ode a Dallas* — esclarece. — O canto da sereia para que ele largue a loura burra e venha ao seu encontro. Ou, no meu caso, ao meu.

— *Oh*. *Oh*, não. — Sinto as faces a arder e, neste momento, aceitaria de bom grado um desastre natural. Que a terra se abraça debaixo de mim, por exemplo. Ou que um tsunami varresse a baía de Shinnecock. — Eu? Com o Dallas? Isso nem é...

Calo a boca antes que me envolva num sério problema de excesso de protestos. Como é que posso ter sido tão óbvia? Será que ela viu mesmo o desejo no meu olhar? Com certeza que não... Com certeza, fui mais cuidadosa. Porque *tenho* de ser cuidadosa. Passei toda a maldita da minha vida a ser cuidadosa.

Sim, mas antes vocês não estavam juntos. Agora estão. Pelo menos quando estão sozinhos. Mas aqui não. Não em frente ao mundo. Não onde importa.

O sorriso dela é cúmplice.

— *Oh*, vá lá. Não me diga que não... *espere*. — Ela inclina a cabeça, observando-me e, de repente, os seus olhos arregalam-se e ela leva quatro dedos longos aos lábios pintados de vermelho-sangue. — *Oh*, merda. Desculpe. Eu não...

— O quê?

— Não a reconheci. É a Jane, certo? É a irmã dele. Meu Deus, que parvoíce a minha. — Passa os dedos perfeitamente arranjados pelo cabelo curto. — Foi só que a vi a olhar para ele e parti do princípio de que... Bom, não interessa. — Inspira profundamente e estende-me a mão. — Chamo-me Fiona. Não sei se mencionei que sou uma idiota?

Não consigo evitar rir-me.

— Foi um erro justificável. A sério. Eu estava a olhar para ele. Mas o que viu foi irritação. Não desejo.

Isso, pelo menos, é parcialmente verdade, pelo que me permito inspirar fundo, de alívio. Crise evitada. Bala esquivada.

Mas mentiria se não admitisse que uma parte minúscula e doida de mim deseja que ela me chame mentirosa. Que tenha sentido o calor que me arde nas veias por ele — e que tenha percebido.

Porque, por mais que adore o Dallas, detesto que tenhamos de nos esconder. E há uma parte rebelde, oculta, ousada, *estúpida* de mim que deseja que pudéssemos ser sinceros e revelar-nos ao mundo.

Mas não podemos. Eu sei que não podemos. A lei, os nossos pais e a ameaça de humilhação pública mantêm-nos firmemente presos nas sombras. E, honestamente, nunca fui grande fã dos holofotes, pelo que a ideia de ter a atenção de revistas sensacionalistas concentrada em mim porque vou para a cama com o meu irmão não me atrai mesmo nada.

Porém, não é apenas a família, a privacidade e os costumes sociais o que nos mantêm afastados. A Libertação também. Porque, enquanto o Dallas for o Justiceiro Ultrassecreto, tudo na sua vida terá de permanecer oculto, incluindo o homem que ele é de facto. Um homem muito diferente do que ele mostra em público. Um homem que nem eu conheço ou compreendo por completo, pois ainda não falámos acerca de como opera a Libertação ou acerca da sua missão fulcral de identificar — e, presumivelmente, matar — os miseráveis seres humanos que nos raptaram há 17 anos.

— Ei — diz a Fiona, de testa enrugada enquanto me observa. — Sente-se bem?

— Estou ótima.

Obrigo-me a sorrir, embora tenha vontade de chorar. Porque, pela primeira vez, isto atingiu-me por completo. *Ele é meu*. O Dallas Sykes é absolutamente, cem por cento, totalmente meu.

E, apesar disso, nunca posso tê-lo de facto.

Não da forma que conta. Não da forma que importa.

Estamos a viver uma mentira que é brilhante e perfeita e maravilhosa nas sombras, mas que esmorece e morre à cruel luz do dia.

Amo-o. Mesmo.

E, apesar de termos prometido um ao outro que faríamos com que isto resultasse, não posso deixar de recear que essa seja uma promessa que nunca deveríamos ter feito. Porque é uma promessa impossível de cumprir.

2

JANELA DAS TRASEIRAS

Uma hora depois, estou finalmente sozinha e já vou no meu terceiro uísque. A Fiona compensou a gafe tagarelando acerca de tudo e mais alguma coisa, o que foi bom, pois a sua atenção constante impediu que o meu olhar se desviasse para o Dallas. E mau, pois a sua atenção constante impediu que o meu olhar se desviasse para o Dallas.

Apesar de saber que não devo, tudo o que quero fazer é observá-lo. E imaginá-lo a tocar-me. E espumar por ele passar a festa a tocar em toda a gente exceto em mim.

Ao que parece, até na Fiona tocou.

— Saímos umas quantas vezes — disse-me, de olhos a brilhar. — Toda a gente sabe que ele raramente está com a mesma mulher duas vezes, mas, bem, a mim viu-me três vezes. — Os seus lábios curvaram-se com malícia. — Viu-me toda.

Sentindo o estômago às voltas, disse qualquer coisa acerca da reputação do meu irmão e que tinha mesmo de ir tratar de uma questão com o pessoal.

Fugi para dentro de casa, escondi-me durante meia hora e, quando regresssei, já não voltei a vê-la.

O Dallas, por outro lado, chamou-me a atenção de imediato.

Agora estou encostada ao poste do canto de uma das cabanas da piscina a tentar não o observar. Ou, pelo menos, a tentar que não seja óbvio que estou a observá-lo.

Já se fartou da loura. Agora está ao lado de uma morena com madeixas de um azul-elétrico. O cabelo comprido cai-lhe em canudos pelas costas, nuas no top de marca que está a usar. Tem uma tatuagem no ombro — não um desenho feminino, mas antes o de uma caveira sobre um fundo vermelho-sangue.

Está de minissaia preta de cabedal e saltos de dez centímetros, e eu não tenho a mínima dúvida de que se trata de uma mulher que obtém aquilo que quer. Basta-me olhar para ela para perceber isso. Também o percebo pela forma como passa o tempo todo a inclinar-se para o Dallas e a passar a língua pelo contorno da orelha dele.

Nunca a conheci, mas vou arriscar e dizer que não gosto dela. De todo. Nem um bocadinho.

Dou-me conta de que estou outra vez espedada a olhar, pelo que pego no telemóvel e esforço-me por ir vendo os e-mails. A tentativa é fútil — vejo palavras, mas estas não me fazem qualquer sentido.

Pelo menos até uma mensagem de texto aparecer no meu ecrã.

Observa.

É do Dallas, claro, e o meu corpo contrai-se apenas por ver o seu nome. Reajo por instinto — levanto a cabeça, olho diretamente para o sítio onde ele se encontra com a Rapariga da Caveira. Ele não está a olhar na minha direção, mas eu sei que está ciente da minha presença. Está sempre. Tal como eu da dele.

Levanto-me e os meus pés parecem pesos que me mantêm no lugar enquanto observo a cena que se desenrola à minha frente.

O Dallas e a mulher estão de pé, perto da piscina, a conversar descontraidamente com alguns dos convidados. A mão do Dallas vai acariciando ao de leve as costas nuas dela. Os dedos dele descem-lhe pela coluna e passam pelo laço que segura o top na cintura.

Espero que a mão dele continue pelo cabedal suave para lhe apalpar o traseiro, mas não é isso que acontece. Em vez disso, os dedos ágeis dele desapertam o botão do cós, criando a folga necessária para enfiar a mão por dentro da saia e deslizá-la pelo traseiro dela. Por uma fração de segundo apenas, ele ergue o olhar, encontrando o meu. O calor abrasa-me, derrete-me, deixa-me húmida.

Sei o que ele está a fazer — já o fizemos antes. Ele a tocar noutra mulher. Eu a observar. E ambos a fingirmos que é em mim que toca.

Da primeira vez, foi excitante como um pecado. Eu estava sozinha numa casa de banho a ver a cena a desenrolar-se num vídeo. Ainda não estávamos juntos — na verdade, estávamos a fazer todos os possíveis por nos mantermos separados — e esse momento foi um ponto de viragem para os dois. Uma declaração ousada, ainda que completamente chanfrada, do quanto nos queríamos. Do que estávamos dispostos a fazer.

De quão longe estávamos dispostos a ir.

Mordo o lábio inferior e engulo em seco, querendo aceitar o que sei que ele está a oferecer, mas também com vontade de fugir depressa e para longe. A minha reação surpreende-me, mas, ao mesmo tempo, não. Não quero isto. Sim, é sensual. Sim, é excitante.

Mas não quero isto, não quero mesmo.

Antes, era a única opção que eu tinha. Um desejo vivido de forma indireta. Sexo virtual. Permitti-me perder-me numa névoa sensual enquanto o observava com outra mulher. Masturbei-me e vim-me violentamente, uma e outra vez, fingindo que era o Dallas quem me acariciava. Sabendo que era eu quem ele queria

e que a mulher com a boca no membro dele não passava de uma fraca substituta.

Mas, nessa altura, eu não era dele. Ainda não. Para todos os efeitos, não era.

Agora sou.

Agora ele pode ter-me sempre e como queira.

Só que isso não é bem verdade. Porque ele não pode ter-me agora. Não pode tocar-me aqui, no seu próprio jardim. Não com toda esta gente.

Temos de nos manter nas sombras. Mas ele pode afagar a Rapariga da Caveira sempre que lhe der na real gana.

Meu Deus. Merda. Raios.

Viro-lhe as costas, com a pele ainda a formigar. Com os seios ainda tensos. Quero ver... Só Deus sabe como quero.

Mas realmente não quero querer.

Agora a porta da cabana está mesmo à minha frente — da *nossa* cabana. Onde tudo começou entre nós e onde finalmente assumimos um compromisso um com o outro, prometendo que, de alguma maneira, arranjaríamos forma de esta situação impossível funcionar.

Memórias avassalam-me enquanto avanço para a porta. Quero perder-me nelas ainda que não possa perder-me no homem.

Afasto a cortina da entrada e estaco. Não conheço as pessoas que estão no sofá-cama, mas percebo perfeitamente o que estão a fazer. Observo, paralisada, o homem completamente vestido com a braguilha aberta a investir com o membro numa mulher muito nua e muito recetiva.

Deixo escapar um pequeno som e levo de imediato a mão à boca para o abafar, mas não dou o mais pequeno passo para me ir embora. Acho que não me veem. Estou praticamente atrás do homem, curvado sobre o sofá-cama. Atrás de mim está a cortina que dá para a piscina e também uma porta deslizante que me

espanta que eles não tenham fechado e trancado. Se calhar, não sabiam da sua existência.

À minha frente, há mais duas camadas de cortinas translúcidas que têm como objetivo proporcionar mais privacidade e repelir insetos à noite. A iluminação é ténue e, embora eu tenha a certeza de que eles se aperceberiam de que eu estou aqui se olhassem com atenção, sei por experiência que só veriam sombras. E que, desde que eu não me mexa, provavelmente nem darão por mim.

Não mexo um músculo que seja.

Em vez disso, mantenho-me perfeitamente imóvel, perdida na cena sensual e erótica que se desenrola à minha frente. Estas pessoas não me interessam e isso não me importa. Em vez disso, imagino que sou eu na cama, com o corpo nu. Que é o Dallas que está atrás de mim, ainda vestido para a festa, de braguilha aberta, com o membro duro e grosso a investir dentro de mim.

Ele inclina-se para a frente, com as mãos a segurar-me as ancas, depois a cintura e, de seguida, a deslizar para cima para me agarrar as mamas. Aperta com força e a dor dispara até ao meu sexo, deixando-me ainda mais molhada, contraindo mais os músculos à sua volta enquanto ele continua a penetrar-me.

A pila dele preenche-me, com os tomates a baterem com força no meu rabo enquanto ele me possui por trás, cada vez com mais força, montando-me até eu querer gritar de dor, de prazer e da necessidade frenética de atingir o clímax.

Sinto o sabor de sangue e apercebo-me de que estou a morder o lábio inferior no esforço de me manter em silêncio. Não emiti som algum, mas mexi-me. A minha mão deslizou para baixo, tocando no algodão fino da minha saia às flores, levantando-a lentamente até que tenho de agarrar o tecido com força para fazer frente à vontade avassaladora de puxar a peça toda para cima.

Estou a ofegar, perdida nas minhas fantasias. Já estou tão molhada e só consigo pensar em deslizar os dedos por dentro das cuecas para me tocar.

Quero imaginar que é o Dallas quem me toca. Quem me deseja.

A *mim*, raios. Não a uma cabra tatuada qualquer que ele agarrou para lhe servir de acessório e que agora acha que ele é dela.

Uma mão quente pousa no meu ombro e eu sobressalto-me, com o grito abafado pela mão que, de súbito, me tapa a boca.

— Não os assustes. — É o Dallas, claro, com a voz baixa e os lábios tão próximos da minha orelha que o seu hálito me faz estremecer. — Não te viram. Não queremos interromper o momento.

Engulo em seco, compreendendo que ele não se refere ao momento deles, mas ao nosso.

A mão dele desliza pelo meu traseiro, apalpando-me através da saia fina. Devagar, começa a fazer subir o tecido, imitando o que eu quase fiz ainda há pouco.

— Dallas — murmuro, com a voz reduzida a um sussurro. — A porta...

— Está fechada. — Ele enrola a mão à volta da tira fina da minha tanga e arranca-me, obrigando-me a engolir o arquejo para manter o nosso segredo. — Achas que quero que mais alguém veja isto? — Levanta-me a parte de trás da saia até ao cós, expondo-me o traseiro por completo. — Achas que quero partilhar uma vista tão incrível?

Fecho os olhos, assoberbada pela paixão bruta na sua voz. À nossa frente, o casal mudou de posição. Agora ela está de barriga para cima e ele de joelhos ao lado da cama. Despiu a camisa e ela tem as pernas por cima dos ombros dele, com as coxas a pressionar-lhe as laterais da cabeça e as ancas a contorcerem-se enquanto ele a lambe. O tipo não vai ouvir nada do que façamos.

E a mulher está demasiado perdida no som dos seus próprios gemidos para dar por nós.

— Excita-te assistir? — O Dallas desliza uma mão pelo meio das minhas pernas ao fazer esta pergunta. — Parece que sim — continua, enfiando um dedo. — Caramba, estás molhada.

— Não é por causa deles — protesto. — É por tua causa. Ele morde-me a orelha.

— Tretas — diz ele, acrescentando um dedo e investindo com força. — É por causa de tudo. Estares a vê-los. Eu a tocar-te. Saberes que a qualquer momento podemos ser apanhados. Fechei a porta, Jane. Mas será que a tranquei?

— Dallas... — O nome dele sai-me num gemido, porque ele tem razão. Estou completa e absolutamente estimulada por tudo. Excitação. Medo. Perigo. E, sim, sei que ele trancou a porta (confio demasiado nele para pensar que não o fez), mas isso não significa que a fantasia de ser apanhada não me excite mais do que devia.

— Diz-me — exige. — Diz-me que isto é uma loucura.

— Tu sabes que é.

— Diz-me que gostas.

O meu corpo estremece enquanto ele me estimula o clítoris.

— Sabes que gosto.

Só Deus sabe como é verdade. Estar com ele assim deixa-me em brasa. Não sei porquê — por norma, tudo o que quero é assumir o controlo e, neste momento, definitivamente não controlo o que quer que seja, incluindo eu própria.

Talvez isso devesse incomodar-me, mas não. Neste momento, a minha mente está demasiado toldada por sexo para tentar sequer pensar de forma analítica. Só sei o que preciso. Só compreendo o que quero.

Só anseio por ele.

— Dallas — murmuro, agradecida por ter pelo menos noção suficiente de onde estou para manter a voz baixa. — Por favor.

— Jane. — A sua voz junto ao meu ouvido é um encantamento que leva todos os meus sentidos para um nível acima. — Fazes ideia de quanto te tenho desejado esta noite? De quanto te quero?

— Ai, sim? — replico e, embora quisesse que as minhas palavras fossem uma provocação suave, sei que ele detetou o laivo de insegurança genuína na minha voz. Sinto a forma como o seu corpo se contrai e como ele hesita, com uma pausa no movimento que é quase impercetível. Mas para mim não; conheço-o demasiado bem.

— Oh, querida. Não sabes que sim?

— Dallas, eu...

— Chiu. Deixa-me mostrar-te. Deixa-me provar-to. Deixa-me fazer-te explodir.

Ele desliza os dedos para trás, afagando-me o períneo até chegar ao ânus. Tem a mão escorregadia, e eu arquejo quando ele enfia o polegar bem fundo dentro de mim e depois avança de novo com os dedos para deslizar o indicador para dentro da minha vagina, penetrando-me efetivamente a duplicar.

Fecho os olhos, perdida de prazer, e estendo a mão esquerda para a parede para me apoiar enquanto me impulsiono contra a sua mão, para que me penetre mais. Mais fundo. Querendo tudo o que ele esteja disposto a dar e mais ainda.

— Isso mesmo, querida. Meu Deus, isto é tão excitante, caramba.

À nossa frente, o casal tornou a mudar de posição. Ele agora está completamente nu na cama e ela está por cima dele. O membro dele está bem dentro dela e, à medida que ela se move sobre ele, eu imito os movimentos. Com as ancas a girar. O estômago contraído. As costas arqueadas.

— Todo — sussurra o Dallas. Obviamente, compreende exatamente o que eu estou a fazer, incluindo imaginar que os seus dedos são o seu membro. Algo que eu quero tão desesperadamente,

mas que sei que não posso ter. Pelo menos, por ora. Talvez nunca. Sinto as faces a aquecer, porque isso não é algo que eu queira revelar, mas ele mostra-se impassível. — Toca-te — sussurra-me enquanto cerra a mão livre sobre o meu peito, beliscando-me o mamilo e provocando-me fios de prazer que correm do meu peito até ao meu âmago. — Afaga o clítoris e monta-me.

Não hesito. Como posso, se lhe pertenço por completo? Se farei o que quer que me diga por ele mo pedir e por não querer que esta sensação acabe?

Tenho o clítoris duro, entumecido e incrivelmente sensível. Mas estou tão molhada e escorregadia que mal consigo ter fricção suficiente. Ainda assim, a sensação é incrível e, com ele a investir os dedos bem fundo dentro de mim, sinto o corpo a estremecer. Os meus músculos contraem-se para o fazer avançar mais e os meus dedos dançam loucamente sobre o meu clítoris, aproximando-me cada vez mais do orgasmo.

Ele aperta-me o mamilo com força e depois larga-me o peito e desliza a mão para pressionar a minha. Agora tanto guia as minhas ações como as segue, ajudando-me a estimular o clítoris, enquanto a outra mão me penetra profundamente. Está teso, tão encostado a mim que lhe sinto a ereção contra a minha anca.

Inspiro fundo e afasto a mão do clítoris para poder entrelaçar os dedos nos dele. Depois levo a mão ao seu membro.

— Comigo — digo, com palavras que são pouco mais do que um gemido.

Ele compreende e, então, afaga o membro com uma mão enquanto me penetra com a outra, e eu ocupo-me sozinha do clítoris.

É uma loucura tremenda, mas parece-me tão perfeito estar nos seus braços. Mesmo que seja assim. Mesmo às escondidas. Mesmo a ver outras pessoas a fornicar a partir deste sítio na penumbra e...

— Vem-te para mim, querida — diz ele, investindo forte e profundamente dentro de mim. — Meus Deus, querida, vem-te comigo agora.

Ele está encostado a mim e eu sinto-lhe o corpo a tremer enquanto explode, e essa sensação faz-me perder o controlo também.

— *Oh, meu Deus* — O grito é-me arrancado enquanto me desfaço, mexendo-me contra os seus dedos à medida que o meu corpo cede e colapsa.

— Está aí alguém? — A rapariga, que estava a chupar o membro do parceiro num 69, levanta a cabeça.

— Foi só um barulho — diz o tipo, de costas voltadas para nós. — Esquece.

Mas ela está a olhar mesmo na nossa direção. Sei que não é possível que nos reconheça aqui na sombra, mas, mesmo assim, baixo a cabeça e começo a alisar a saia, baixando-a da cintura, até onde estava arregaçada. Não vou dizer nada, claro, antes pelo contrário. Vou compor a roupa e seguir o Dallas porta fora antes que algum deles decida vir investigar.

— Quem é que está aí? — insiste ela. — Quem é?

Faço sinal ao Dallas de que devemos ir embora.

O Dallas, no entanto, tem outra ideia.

— Sou só eu — diz ele, e eu tenho imediatamente vontade de desaparecer por um buraco no chão. Primeiro de vergonha, depois de horror. E se a miúda pergunta com quem é que ele está? E se me consegue ver?

Lanço-lhe um olhar zangado, mas ele limita-se a abanar a cabeça, como se eu é que estivesse a ser louca e irrazoável.

— Dallas?

— Desculpa a intromissão, Christine. A minha amiga é um bocado tímida, mas gosta de assistir.

— Oh, a sério? — Ouço a entoação excitada na sua voz. — O Billy também gosta. Não gostas, docinho?

— Podes crer. — O Billy levanta a cabeça durante o tempo suficiente para mordiscar a anca da Christine e depois volta a mergulhar para o sexo dela.

Eu limito-me a ficar quieta, sem saber se estou excitada, assustada, confusa ou sei lá o quê.

— Bem, visto que os dois gostam de assistir — ronrona a Christine —, e se te juntasses a mim?

Ela dá uma palmadinha no sofá-cama.

— Tentador — diz o Dallas, e as minhas entranhas retorcem-se um pouco porque sinceramente não sei se ele estará a falar a sério. — Mas se calhar fica para outra altura.

— Como queiras. Fiquem e vejam mais, se quiserem. — Ela acaricia a anca do Billy enquanto nos dirige um sorriso. — Prometo que vai ser um espetáculo e tanto.

— Vemos o resto noutro dia. Mas fiquem durante o tempo que quiserem. Vou pedir a alguém que vos traga champanhe.

— Obrigado, meu — diz o Billy, com a voz abafada.

O Dallas começa a virar-se e eu sinto a sua mão nas minhas costas, pronta para me encaminhar para a saída.

Quanto a mim, estou a ofegar e a tremer um pouco. E não espero que ele tome a dianteira. Em vez disso, passo-lhe à frente, deslizo a porta de correr e fujo para a noite.

3

O HOMEM COM A PILA DE OURO

A festa continua em alta quando saio da cabana, com a cabeça em torvelinho. Tenho noção de que devia parar e falar com o Dallas, mas a verdade é que não sei o que dizer. O que acabou de acontecer ali dentro foi, bem, absolutamente incrível, caramba. Não posso negar que gostei. Raios, adorei.

Ou pelo menos adorei até a fantasia ter acabado e o Dallas ter falado com a Christine. *Christine*. Ele sabia o nome dela. Porquê? Porque já foi para a cama com ela, claro.

Ora que porra.

Isto não é propriamente uma revelação e, no entanto, não posso negar que me incomodou tal como antes me tinha perturbado vê-lo a tocar na cabra loura ou na morena tatuada. Apesar de haver algo incrivelmente sensual naquele nosso jogo e apesar de eu saber que ele estava a pensar em mim e só em mim, esta noite houve qualquer coisa naquilo que me pareceu errado. E agora essa sensação pesa-me no estômago. Crua, azeda e pus-tulenta.

E não posso falar disto com o Dallas, porque o mais errado de tudo foi o facto de a ele não o incomodar. Para ele, foi uma brincadeira como de costume.

Para ele, nada mudou nestes últimos quatro dias. Mas, para mim, todo o mundo está diferente.

Foi por isso que fugi.

Mantenho o rosto voltado para baixo enquanto deslizo pela multidão, esquivando-me à cabana e encaminhando-me para o relvado verdejante e cuidado. Esta zona da propriedade não está bem iluminada, para que a maioria dos convidados se mantenha junto à piscina, na casa ou na pista de dança provisória instalada no relvado mais próximo da residência.

Apesar da iluminação ténue — ou talvez por causa disso mesmo —, ainda há umas quantas pessoas por aqui, mas eu depressa as deixo para trás. Quando chego ao labirinto de sebe que separa esta área do jardim mais privado da família, estou sozinha.

Quando eu, o Dallas e o Liam éramos pequenos, este labirinto era excepcionalmente fácil de ultrapassar, sobretudo porque a sebe tinha apenas uns 30 centímetros de altura. Agora, passados mais de 20 anos, tem quase dois metros e meio, mas eu ainda me lembro do caminho e, ao fim de cinco minutos, já consegui sair e avanço para o barracão do jardim.

Assim que chego, deixo-me cair no pequeno banco de madeira encostado à parede de pedra. Inspiro profundamente, grata por me encontrar fora de vista. Longe do Dallas. Longe de tudo.

Só que não estou. Ele seguiu-me, claro.

Ouç-o primeiro — o som dos seus passos. Firmes. Determinados. Constantes.

Ele não vem a correr, mas caminha rapidamente. Depois, detém-se à minha frente. Eu continuo de cabeça baixa, pelo que só vejo a pele suave dos seus sapatos *Brioni* e a virola das calças de ganga *Dior Homme*. Roupas descontraídas para uma festa informal. Mas a sua postura nada tem de descontraída. Até o seu porte irradia poder e, embora ele nada diga, eu percebo que está preocupado comigo.

Raios, eu própria estou um pouco preocupada comigo.

Lentamente, levanto a cabeça para olhar para ele. Já passei horas a fitá-lo esta noite, mas, apesar das minhas emoções em polvorosa, não consigo deixar de ficar fascinada. Ou talvez seja por causa destas emoções. Porque o Dallas Sykes é lindo. Uma escultura viva. Um modelo da perfeição masculina.

As suas pernas estão envolvidas pela ganga desbotada, suficientemente justa para lhe acentuar as coxas musculadas, já para não falar do membro semiereto. Está a usar uma simples t-shirt branca por baixo da camisola de caxemira cinzenta que lhe ofereci pelo aniversário, há quase quatro meses. Tem um ar mesmo sensual, como se tivesse acabado de sair da passarela de um desfile de moda masculina. E só a custo contendo os dedos, que tudo o que querem é agarrá-lo pela camisola e puxá-lo violentamente contra mim.

Não faço isso. Em vez disso, continuo a minha inspeção, inclinando a cabeça mais para trás para lhe ver a cara. Espero que a linha firme do seu maxilar esteja retesada de frustração e que os seus olhos verdes como esmeralda refuljam de irritação. Espero que aqueles lábios me censurem — e me perguntem que raio se passa comigo.

Em vez disso, ele diz:

— Desculpa. — Pestanejo, pois as palavras são tão inesperadas como uma bofetada. — Pensava que ias gostar — continua. — Que seria uma coisa sensual. Uma coisa para nós.

— Uma coisa escondida. Uma coisa secreta. — Assim que digo as palavras, arrependo-me. — Desculpa — digo. — Foi sensual... incrivelmente sensual. E gostei. Sabes que gostei. É só que...

— Não podemos revelar-nos — diz ele, e suspira. — Eu sei. — Passa os dedos pelo cabelo cor de caramelo e eu observo-lhe a expressão, que endurece. — Não somos só nós, sabes — continua

ele, avançando para se sentar ao meu lado. — Tudo nestas festas é secreto. Estou a representar um papel. Eu sei que não falámos muito da Libertação, mas tu compreendes isso, não compreendes? Eu sou...

— O homem com a pila de ouro — completo. — Sim, eu percebo.

Ele faz um esgar.

— Ambos sabemos que isso não é verdade.

— Dallas. — *Merda. Foda-se.* — Não queria dizer...

— Eu sei que não, e não faz mal. — Ele olha-me com delicadeza e a sua voz suaviza-se quando diz: — Eu disse-te que até me sinto bem por nunca ter penetrado nenhuma delas. Só te quero a ti.

As suas palavras confortam-me, mas não me tranquilizam por completo.

— Eu acredito em ti — digo, correspondendo ao seu tom suave. — Mas sentires-te bem por não o teres feito é completamente diferente de sentires-te bem por não poderes fazê-lo.

Ele fecha os olhos por um momento e acena com a cabeça, reconhecendo a verdade das minhas palavras.

Eu fiquei chocada quando soube que fui a única mulher que o Dallas alguma vez penetrou — e isso foi há 17 anos, quando estávamos presos e aterrorizados. Antes de ele ser torturado.

Antes de ele ser destruído.

Agora, ele monta um jogo de espelhos e ilusões, satisfazendo imensas mulheres mas sem foder literalmente nenhuma delas. E, como nenhuma mulher que tenha estado na sua cama quer admitir que ele não chegou a deitá-la e possuí-la à bruta, a sua reputação não para de crescer. E, francamente, tendo em conta as suas habilidades na cama, aposto que, na maioria, essas mulheres nem se apercebem de que ele nunca esteve dentro delas; ficam demasiado ocupadas a espojar-se depois de orgasmos múltiplos.

Bem vistas as coisas, é um tremendo esquema de publicidade enganosa. Tudo aquilo, na verdade. A personagem do *playboy*. A reputação de Rei do Sexo. Ele *flirta*, toca e leva para a cama uma procissão de mulheres porque isso alimenta uma ilusão e serve o seu propósito — a Libertação. Uma organização mercenária de elite, dedicada a resgatar vítimas de sequestros e a castigar os perpetradores.

Até eu saber que a Libertação era basicamente uma criação do Dallas, estava certa de que se tratava de um grupo perigoso que precisava de ser travado. Tinha feito bastante pesquisa e escrito artigos e livros suficientes sobre sequestros e justiça administrada por mercenários para saber que estes muitas vezes são mais prejudiciais do que benéficos. Mas conheço o Dallas; compreendo os seus motivos. E, honestamente, não sei bem o que pensar agora, pelo menos em relação à Libertação. Assim sendo, abstenho-me oficialmente de fazer julgamentos até saber mais.

Essa profunda experiência educativa ainda não teve lugar. Mas sei o suficiente para compreender o que ele está a fazer. Camuflar-se. Esconder-se à vista de todos, atrás da fachada de um homem demasiado folião para ser uma ameaça.

— Há anos que levo uma vida feita de segredos, Jane. — A sua voz suave afasta-me dos meus próprios pensamentos. — Os segredos para mim são território familiar.

— Dissemos que não íamos ter mais segredos.

— Entre nós os dois. Não entre nós e o mundo. — Ele inspira profundamente e desvia o olhar, como que para se recompor antes de voltar a fitar-me nos olhos. — Vou contar-te tudo o que quiseses acerca do funcionamento da Libertação. Sabes isso.

— Sei.

— Então, queres que te conte agora?

— Não. Talvez. Não sei. — Suspiro e passo os dedos pelo cabelo. — Não é isso que está a incomodar-me.

Ele acena com a cabeça.

— Pois. Eu sei. — Levanta-se de novo e começa a andar de um lado para o outro, obviamente frustrado. — Esta noite... esta festa... Se calhar devia ter-te mandado de volta para Nova Iorque. Se calhar devias ter ficado em tua casa hoje.

Estremeço, subitamente com frio.

— Não me queres aqui?

— Oh, querida, não é isso. — Ele detém-se à minha frente, estende os braços para baixo, segura-me as mãos e puxa-me para que eu me levante. — Mais do que qualquer outra coisa, quero-te comigo. Mas planeei esta festa com um único objetivo: preciso de falar com o Henry Darcy. Preciso de descobrir se ele faz alguma ideia de quem está por detrás da Libertação. E preciso de ter uma mulher a dar-me o braço quando falar com ele.

— Porquê?

— Porque tenho de garantir que ele vê o *playboy*, não o homem que pode tê-lo posto em contacto com a Libertação. Preciso que ele fale comigo, mas quero que tenha a atenção dividida. E uma mulher linda é uma distração excelente. Há anos que é essa a minha camuflagem, querida, e, se me afastar do personagem, arrisco tudo.

— O que quer dizer que não posso ser eu a mulher a dar-te o braço. — A afirmação é retórica; é evidente que não posso ser a mulher a seu lado. Ainda assim, ele abre a boca para responder. Levanto a mão para o impedir. — Não, eu percebo. A sério.

Há cerca de um ano, o Henry Darcy contratou os serviços da Libertação para resgatar as filhas raptadas. Passou por todas as barreiras para contactar o grupo e, tanto quanto o Dallas e a equipa sabiam, ignorava a identidade dos membros do grupo. Nem sequer conhecia o nome «Libertação». Ou, pelo menos, a equipa partia desse princípio, já que, conforme o Dallas me explicou, esse era apenas um nome de código interno.

É assim que todas as operações da Libertação funcionam. O contacto é estabelecido através de um sistema muito complexo que o Dallas ainda não me descreveu. Mas o objetivo é o completo anonimato.

Por isso, quando o Henry Darcy revelou publicamente que o grupo mercenário que lhe resgatara as filhas se chamava Libertação, o Dallas e a equipa ficaram bastante preocupados. Que mais saberia? Seria uma ameaça?

Ao que parece, o Dallas decidiu que a melhor forma de descobrir seria organizar uma festa, convidar o Darcy e pôr-se à conversa com ele. Queria uma mulher sensual a seu lado como diversão visual, para que quaisquer perguntas que fizesse ou conversas que começasse fossem entendidas como simples cavaqueio, e não como o interrogatório de um homem à frente de um grupo internacional de mercenários de elite.

Inspiro fundo.

— Eu percebo porque precisas de uma mulher ao teu lado — repito. — Mas compreender e gostar são duas coisas diferentes.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Vejo a dor no seu rosto quando olha para mim. — Mas não estou disposto a desistir. Não *posso* desistir. Nem da Libertação, nem das mulheres que uso como camuflagem.

As suas palavras são fortes e brutalmente honestas, deixando-me com vontade de gritar: *Nem sequer por mim?* Mas não sou capaz de obrigar as palavras a sair. Como posso pedir-lhe que seja outra pessoa que não a que é? O líder da Libertação. Um homem com uma missão.

Talvez não compreenda ou concorde por completo com o que ele faz, mas isso faz parte de quem ele é. Da sua essência.

E, raios, eu quero o homem. O homem todo, com todas as suas esperanças, sonhos e falhas. Não metade do homem. Não um

homem que tenha feito cedências por quem quer que seja. Nem sequer por mim.

Com um suspiro, abano a cabeça.

— Não estou a pedir-te isso. A sério. Nem sequer queria entrar na questão da Libertação. É só que... Bem, não gostei que lhes tocasses. Na loura. Na tipa das tatuagens. E não me agrada que tenhas comido a Christine.

— Eu não...

— Sabes a que me refiro.

— Sim. Sei. — Ele inclina a cabeça, observando-me. — Não há muito tempo gostavas muito disso. Eu também. Viste outra mulher a enfiar a minha pila na boca e isso excitou-te.

Aceno com a cabeça, porque ele tem razão. Raios, a memória do nosso jogo dessa noite — as imagens que me enviou, as coisas que me exigiu — é suficiente para me deixar o corpo a latejar. Desvio o olhar para o chão e, em voz baixa, admito:

— Acho que me vim como já não acontecia há muito tempo.

Ele torna a sentar-se ao meu lado e pousa a mão suavemente sobre a minha coxa. Vai mexendo o polegar para trás e para a frente, numa carícia.

— Mas?

— Mas isso foi nessa altura. Antes de estarmos juntos. — Ergo o olhar e fixo o dele. — Foi quando ainda eras menos meu do que delas.

— Isso nunca foi assim.

Encolho os ombros.

— Talvez não, mas era o que eu sentia. — Pouso a mão sobre a dele. — Já não sinto isso. És meu, Dallas, mas não podes tocar-me assim. Amo-te, e já não somos vítimas, mas continuamos presos. Continuamos prisioneiros deste segredo enorme que temos de guardar. E às vezes penso que nunca vamos ser realmente livres. Vamos sempre estar presos, juntos, na escuridão. Talvez já não seja

uma cela de cimento, mas continua a ser uma prisão. — Aperto-lhe a mão enquanto lhe fito o rosto com um ar implorante. — Merecemos melhor — digo. — E eu quero algo melhor.

— Eu também. — Afasta-me uma madeixa da testa. — Oh, querida, eu também.

Por um momento, ele não diz mais nada. Depois, inclina a cabeça ligeiramente de lado.

— Queres tornar isto público? Seremos só nós, juntos, à vista de toda a gente?

Sim. Oh, meu Deus, sim.

As palavras loucas e perigosas giram-me na cabeça. Mas não correspondem à verdade. Há demasiados obstáculos. Demasiados horrores. A reação dos nossos pais e a atenção da imprensa sensacionalista são o que me ocorre primeiro. Só de pensar como as câmaras se voltariam inevitavelmente para nós, fico com vontade de me enrolar em posição fetal e chorar.

E, oh, meu Deus, o que diriam a Vó ou o Poppy? Ela com 80 anos, ele com 100, a revelação acerca de mim e do Dallas provavelmente mataria a nossa avó e o nosso bisavô.

Abano a cabeça.

— Não. Não, a ideia aterroriza-me. Quero isso... Quero tanto estar contigo a cem por cento... Mas abrir o jogo assusta-me mais ainda do que o quanto odeio todos os segredos.

Ele acena com a cabeça, e parece-me que é alívio o que lhe vejo no olhar.

— Eu sei — diz ele. — Havemos de arranjar maneira, mas, até lá, abrir o jogo fica fora de questão. É melhor assim. É preferível lidarmos com um obstáculo de cada vez para alcançámos um final feliz.

Franzo o sobrolho, sem saber com que outros obstáculos ele estará preocupado.

— Referes-te à mulher que vai estar de braço dado contigo?

Por um momento, ele parece confuso e não me fita quando assente com a cabeça e responde:

— Claro.

— Dallas?

Ele olha diretamente para mim e eu não vejo quaisquer sombras no seu rosto. Nenhum engodo. Mentalmente, reviro os olhos. Estou nervosa — em busca de segredos e ocultação onde não existe.

— Jane? Estamos bem?

Lá consigo esboçar um sorriso.

— Só não gosto de te partilhar.

— Não estás a partilhar-me. Independentemente do que eu faça, independentemente de quem elas sejam, essas mulheres não me dizem nada.

Aceno com a cabeça e depois fecho os olhos para recuperar forças.

— Eu percebo que precisas delas por causa das aparências. Que precisas de lhes tocar e de fazer todo esse espetáculo. Mas não quero...

— Continuar o nosso jogo. Eu compreendo.

Muda de posição para ficar de frente para mim e acaricia-me o rosto ao mesmo tempo que desliza a mão para me segurar a cabeça. Puxa-me para si e arrebatam-me a boca num beijo quente e profundo que me deixa o corpo a derreter.

— Chega de jogos — diz ele quando recupera o fôlego. — Só te quero a ti.

— Por ti pode ser? Não precisas de lhes tocar enquanto pensas em mim? Não queres? — Basta-me dizer estas palavras para ficar húmida, pelo que me contorço um pouco enquanto me pergunto que raio de hipócrita serei para estar a travar uma coisa que ambos consideramos tão deliciosamente erótica. Mordo o lábio inferior antes de continuar: — É só que sei que gostas de sexo marado. Que precisas que seja...

— Perverso? — interrompe ele. — Pois é. — O seu olhar desce até aos meus seios, onde os meus mamilos obviamente entumecidos são visíveis através da renda do soutien e do tecido fino da minha t-shirt simples e cor-de-rosa. — Acho que tu também gostas.

Não o nego.

— E então?

A boca dele curva-se para cima.

— Já te disse. É só um jogo. Não preciso disso. Contigo não.

— Oh. Bom, então esse é o meu... Como é que se chama? O meu limite intransponível. Nada de jogos desse género, a menos que...

Interrompo-me. Não tinha intenção de ir por aí.

— A menos que? — Os seus olhos brilham, divertidos, e eu tenho a certeza absoluta de que ele sabe o que eu vou dizer.

Olho para baixo, para a mão que ele tem na minha coxa.

— A menos que seja eu a começar.

Não levanto a cabeça, mas mordo o lábio à medida que a mão que estava suavemente pousada na minha coxa começa a deslizar para cima, arregaçando-me a saia.

— Então, estás a admitir que gostas? Que ver-me apalpar o rabo de outra mulher te excita? Que ficas molhada a vê-la chupar-me? — As palavras dele são duras. Quase grosseiras. E, apesar disso, eu percebo o humor com que as diz.

— Não tem graça.

Maldito seja, conhece-me tão bem. Amante. Irmão. Amigo. E compreende-me melhor do que qualquer outra pessoa. Talvez até melhor do que eu me percebo a mim própria.

— Não estou a rir. — E não está. Na verdade, o humor na sua voz foi substituído por um calor grave e ardente. A sua mão já vai a meio da minha coxa, tão perto do meu centro que eu praticamente tremo de expectativa. — Alguém não quer ficar sem opções

— diz ele enquanto me empurra delicadamente a coxa, instando-me a afastar as pernas. — Diz-me porquê.

Tendo em conta que estou a perder a capacidade de formar palavras, a sua exigência parece-me completamente irrazoável. Já tenho a saia acima dos joelhos e não trago cuecas — provavelmente continuam no chão da cabana. Isso quer dizer que, de pernas abertas, estou totalmente exposta, e a brisa fresca da noite junto ao meu sexo quente e húmido dá-me uma sensação incrível.

— Jane. — Com a ponta do dedo, ele percorre a pele suave entre a minha púbis e a coxa. — Diz-me porque queres manter esta opção em aberto. Porque podes querer deslizar a mão para o meio das pernas e afagar-te enquanto me vês morder o mamilo de outra mulher. — Como que para ilustrar o que diz, passa o dedo pelo meu clítoris, e eu gemo com o prazer incrível que isso me provoca. — Diz-me — exige de novo.

— Porque eu gosto. — A minha voz começa por ser apenas um sussurro. — Mesmo hoje, foi excitante. Detestei ter gostado, mas gostei. É só que...

— Não querias partilhar.

— Agora que és meu...

— Sou teu — diz ele, enfiando os dedos dentro de mim.

— Eu sei. — Mexo as ancas. O meu corpo tem a missão de o fazer entrar mais. Com mais força. — E não quero partilhar. — Inclino a cabeça para trás para lhe fitar os olhos. — Pelo menos, ainda não. Mas depois. Quando me sentir mais segura, eu...

Volto a baixar o olhar. Mais uma coisa que não fazia tenção de admitir.

— Não te sentes segura em relação ao que eu sinto?

— Não é isso — apresso-me a dizer. Não tenho qualquer dúvida de que o Dallas me ama. Total, completa e até dolorosamente. — Nunca.

— Então, referes-te ao futuro.

Assinto com a cabeça.

— Vamos fazer com isto resulte.

Quero perguntar-lhe como, mas não o faço. Limito-me a acenar com a cabeça.

— És tudo o que eu quero — digo. — Sabes isso, não sabes?

— Sei, porque sinto o mesmo.

— E não partilho os meus brinquedos com facilidade. — Movo-me, deslizando dos dedos dele para poder sentar-me com uma perna de cada lado dele. — É que sou uma miúda bastante insaciável.

— Ai és? Quão insaciável?

— Muito. — Desço a mão pelo peito dele e faço pressão com a palma contra o seu membro muito hirto. — Muito insaciável.

A mão dele passa para a minha cintura.

— Vem comigo para o barracão.

— Não. Aqui.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Podem ver-nos.

Agarro no cós da t-shirt e puxo-a pela cabeça, ficando apenas de sandálias, saia e um soutien muito reduzido.

— Só se passarem a sebe.

— Interessante — murmura ele, com a mão a subir para o meu peito, puxando a renda para baixo para me deixar completamente exposta.

— O quê?

Levo a mão atrás e puxo o fecho-éclair da saia para baixo. Não quero sair do seu colo nem por um segundo, pelo que também passo a saia pela cabeça e depois atiro-a para o lado, juntando-se no banco à t-shirt.

— Isto. — Ele olha-me de cima a baixo, com uma expressão tão ardente e dura como o seu membro. — Tens qualquer coisa

de exibicionista. — Inclina-se para a frente e passa a língua pelo meu mamilo. — Isso agrada-me.

Estremeço, tanto por causa do seu toque como pelas suas palavras. A verdade é que também me agrada. E não só porque a brisa fresca na minha pele quente me provoca uma sensação deliciosa. Gosto da fantasia da descoberta. De que alguém possa ver-nos e aperceber-se do que está a ver. De *quem* está a ver.

Gosto da fantasia de o nosso segredo ter sido revelado e de, para o bem e para o mal, já não estarmos a viver nas sombras e termos simplesmente de avançar e lidar com as consequências, sem nos escondermos. De todos os segredos chegarem ao fim.

Gosto da fantasia, sim. Mas a realidade apavora-me.

Neste momento, não estou assustada. Estava a falar a sério em relação à sebe. Ninguém virá até aqui. Raios, nenhum dos convidados sabe sequer da existência desta parte isolada do jardim.

Estamos seguros e podemos fazer o que quisermos. E o que eu quero é o Dallas.

Inclino-me para a frente para o beijar e depois endireito-me antes de me arquear e agarrar os meus próprios seios. Observo-lhe o rosto, com uma expressão de desejo intenso enquanto acaricio os mamilos. Depois, mantenho o olhar fixo no dele enquanto desço uma mão do peito e começo a tocar no clítoris e a sentir arrepios de prazer.

— Isso mesmo, querida — murmura ele quando eu sucumbo ao prazer e fecho os olhos, deixando as sensações crescerem. — Faz-te vir. Consegue o que queres. Faz isso enquanto podes.

As palavras demoram um pouco a assentar e, quando o fazem, eu abro os olhos e fito-o.

— Enquanto posso?

— Achas que és tu quem manda, querida? Estás a ter prazer porque eu digo que podes ter prazer. És minha, lembras-te? Cada toque. Cada orgasmo. O teu prazer é a minha prerrogativa,

e vai haver um dia em que eu to vou tirar e obrigar-te a implorares por ele.

— Uma ova é que vais — replico, mas é uma resposta tonta. Talvez pudesse safar-me com ela se não estivesse nua. Mas é demasiado fácil para ele ver que as suas palavras me deixaram os mamilos contraídos. E é demasiado óbvio que já estou encharcada e que provavelmente lhe manchei as calças de ganga de tão molhada que as suas palavras me deixaram.

— És minha — diz ele, estendendo a mão e apanhando-me o clítoris entre o polegar e o indicador. A pressão forte e inesperada faz-me arquejar e, quando me lanço um pouco para trás, ele aperta mais e eu grito com o prazer doce de uma pontada inesperada de dor. — Sempre foste. Diz isso, Jane. Põe as mãos acima da cabeça e diz-me que és minha.

— Sabes que sou. — Estou ofegante. Estou tão excitada que mal consigo dizer as palavras.

— Diz-me — resmoneia ele, voltando a apertar-me o clítoris. — Diz-me e levanta as mãos.

— Sou tua — obedeço, lançando as mãos na direção das estrelas. — Sempre fui tua.

Vejo o impacto das minhas palavras no seu rosto e a dureza que se derrete e transforma em paixão. Espero um beijo, mas não o recebo. Em vez disso, ele desaperta-me o soutien.

— Mãos atrás das costas — diz ele. — Pulsos cruzados.

La perguntar-lhe o que está a fazer, mas mordo a língua. Já lhe disse muitas vezes que irei até onde ele precisar que eu vá. E quero ver aonde nos leva esta noite.

Leva-nos a eu ficar com as mãos atadas atrás das costas com o meu próprio soutien. Continuo a montá-lo, de joelhos apoiados no banco e o sexo por cima da braguilha dele. Tenho os pulsos cruzados encostados ao cóccix, e as mãos não contribuem grande coisa para manter o equilíbrio.

Ele só me atou aí, mas, mesmo assim, estou nervosa. Contudo, trata-se do Dallas, claro, e eu confio nele. Na verdade, já me tinha oferecido para o deixar amarrar-me. Nunca chegámos a fazê-lo, mas ele sabe que estou disposta a isso. Mais ainda, compreende que essa oferta foi um grande passo para mim. Fui amarrada e deixada sozinha durante o nosso rapto e, em resultado disso, *bondage* não é o meu fetiche de eleição.

O Dallas sabe isso, mas atou-me os pulsos mesmo assim. Fê-lo com audácia. Tomou o que queria. Dominou a situação. E não pediu sequer permissão.

Surpreende-me que a ideia de estar amarrada não me assuste. Pelo contrário, deixa-me mais excitada. Deixa-me o corpo a arder de desejo. O sexo a contrair-se de carência. Ele pode não ter pedido, mas é porque *sabe*. Sabe quais são os meus limites. Mais importante ainda, sabe que eu confio nele.

Fita-me os olhos e, por um momento, os seus mostram-se doces e compreensivos. Ele espera e eu inclino a cabeça num assentimento mínimo. Ele nada diz para reconhecer o meu consentimento, mas eu sei que o viu quando a comissura dos seus lábios se vira para cima.

— É isto que queres? — pergunta-me, enquanto me afaga lentamente o clítoris, deslizando o indicador para dentro e para fora de mim e roçando-me o clítoris a cada movimento.

— Sim. — A minha voz pouco mais é do que um sussurro e eu arqueio-me para trás, apoiada pela outra mão dele que me segura firmemente a coluna. — Oh, meu Deus, sim.

— Então, toma.

Ele afasta suavemente o dedo e eu abro os olhos, surpreendida pela cessação súbita do seu toque incrível.

— Eu... o quê?

— Quero que te venhas. — O seu sorriso é sensual. Perverso. — Vem-te.

Começo a protestar, mas apercebo-me logo de que isso não serviria de nada. Ele sabe perfeitamente que não posso tocar-me com as mãos atadas atrás das costas. O mais provável é que espere que eu proteste... que eu implore.

Nem pensar.

Tenho um plano muito melhor.

Inclino-me para trás, usando a mão que ele tem nas minhas costas para me segurar e equilibrar, alavancando-me como se usasse as minhas mãos. É arriscado, claro — se ele mexer a mão, caio. Mas confio que ele não deixará que isso aconteça. Porque a verdade é que ele quer o mesmo que eu.

Quero vir-me.

E ele quer mesmo, mesmo assistir.

Neste momento, estou preparada para nos satisfazer a ambos. Muito lentamente, mexo as ancas, roçando-me contra o volume do seu membro entumecido, com a fricção da ganga áspera no meu clitoris sensível a deixar-me praticamente louca.

— Oh, querida. — A sua voz é grave, como um trovão a ribombar, e eu sinto-o a ficar mais duro. Estou molhada e escorregadia e deslizo sobre ele, com mais força. Mais molhada.

Ele sobe a mão livre e segura-me bem pelo pescoço. Estou presa — a mão atrás de mim mantém-me segura, a mão no meu pescoço não me deixa sair daqui. Firme. Sob o seu controlo.

Ele mantém-me no lugar enquanto eu me balanço e deslizo e roço nele e, quando se inclina para a frente e me puxa um mamilo com os dentes, grito:

— Sim, oh, meu Deus, Dallas, sim! — tão alto que me surpreende que os convidados junto à piscina não me tenham ouvido.

Ele solta-me o peito e reclinase com uma expressão de satisfação consigo mesmo; depois desce a mão que estava na minha coluna cada vez mais, até já não me segurar. Só a mão que me aperta

o pescoço me mantém no lugar — contraída, tensa e suficientemente perigosa para me deixar húmida.

Um dedo que estava junto às minhas costas está agora dentro de mim, estimulando-me e explorando-me, enquanto eu me abano desavergonhadamente contra o alto nas suas calças de ganga. Ele leva o dedo molhado à minha boca e ordena-me que o sugue. Assim faço, gemendo ao provar o meu próprio desejo. Ao puxá-lo para dentro e ao provocá-lo com a minha língua. Ao imaginar que é o membro dele e que eu estou a chupá-lo.

Ele estremece violentamente e depois geme de prazer, um som tão intenso que me provoca calafrios. Fito-lhe os olhos e vejo uma paixão ardente que corresponde à minha e, quando liberta o dedo, quase grito em protesto. Depois, vejo que está a usar essa mão para desabotoar as calças de ganga. Em seguida, solta o membro.

— Monta-me. Não, assim não — diz ele antes que eu possa protestar por não querer que ele tente penetrar-me e perca a tesão.
— Afaga-me.

Mas nem disso eu tenho a certeza.

— Podes...

— Por favor, querida. Preciso de sentir o teu sexo no meu.

Não hesito mais. Também quero senti-lo. Como aço aveludado entre as minhas pernas, roço-me descaradamente contra o seu sexo, primeiro com receio de estar perto demais e de que ele vá perder a ereção. E depois, quando se torna evidente que não vai — quando me apercebo de que os gemidos de prazer são completos, fortes e reais —, mexo-me com mais força e velocidade. Estou tão perdida no momento que só reparo que ele passou a mão para o meu traseiro quando sinto o dedo que acabei de sugar a tocar-me no rebordo do ânus.

Ele enfia esse dedo dentro de mim e, embora esteja completamente lubrificado, o ataque sensual é tanto bruto como sem aviso, pelo que mordo o lábio perante uma pontada aguçada e curta de dor.

Mas a verdade é que adoro isto. Adoro que ele esteja a usar-me como eu lhe disse que podia usar. Mais do que isso, adoro sentir isto. Nós juntos. Selvagens. Ferozes. É perverso, veloz, ardente e diferente. E eu adoro, caramba.

Ele está incrivelmente duro. Inclino o corpo para trás, para poder abanar as ancas e tocar-lhe com o sexo no dele e também para me mexer contra o dedo dentro de mim. É uma sensação excepcional e eu fecho os olhos, desejando poder tocar-me para atravessar este bocadinho que me falta, mas satisfeita por explorar cada toque e sensação. A mão dele no meu pescoço, a manter-me vulnerável. O dedo dele no meu rabo, que é uma forma completamente diferente de vulnerabilidade. O seu membro duro e grosso entre as minhas pernas. E o meu clítoris entumecido e estimulado e a levar-me mesmo à loucura.

Já para não falar da sensação erótica do ar da noite no meu corpo nu.

Tudo é excepcional.

Está tudo a levar-me cada vez mais para a beira do precipício e, a qualquer momento, vou tombar.

Não estou à espera quando me solta o pescoço para me agarrar a nuca. Passa os dedos pelo meu cabelo e puxa-me com força para si. Apanha-me num beijo tão apaixonado e ardente que juro que vou explodir, e roço-me mais contra ele, querendo mais. Querendo tudo. *Querendo-o.*

Quando ele finalmente interrompe o beijo, tem uma expressão tão franca quanto a sua voz.

— Estás à minha mercê, querida.

— Sim. — Mal consigo obrigar a palavra a sair. — Meu Deus, sim.

— Vem-te para mim, Jane. Quero que expludas para mim, agora.

É como se a ordem primitiva da sua voz fosse a última peça de um puzzle que eu tivesse estado a completar, e faço o que ele diz,

gritando o seu nome enquanto o meu corpo se despedaça num orgasmo louco e sensacional. Toda eu tremo com tanto arrebatamento que, ao início, nem me apercebo de que o seu dedo já não está dentro de mim. Agora ele está a usar essa mão para afagar o membro e, quando os seus olhos fitam os meus, já não nos separamos.

Ele tem a respiração ofegante e dou-me conta de que eu também. Estamos perfeitamente sincronizados, e ondas de prazer abatem-se sobre mim quando ele explode. Vem-se nas minhas pernas e na minha barriga, marcando-me. *Reclamando-me*. E eu adoro absolutamente isso.

Mantenho os olhos fixos nos dele e depois deslizo um dedo pelas pernas e pelo ventre antes de levar a mão à boca. Chupo, adorando quase tanto o seu sabor salgado como o seu olhar. Luxúria. Desejo. Apreço. E, sim, amor.

Por um momento, limitamo-nos a fitar-nos, os dois com o peito a subir e a descer ao ritmo da respiração. Depois, ele passa um braço à volta da minha cintura e o outro por baixo de uma das minhas pernas. Move-me para que eu fique sentada de lado no seu colo e possa encostar a cabeça ao seu ombro.

— Sabe mesmo como ensinar uma miúda a divertir-se, Sr. Sykes — comento.

Sinto o seu riso a retumbar no meu peito.

— Bem tento.

Sorrio, mas o riso não me chega aos lábios. Estou demasiado assoberbada por este momento. Pelo que sinto. Pela presença deste homem, que amo. Com um suspiro, encosto a cabeça sob o seu queixo, aninhando-me nele.

— Isto tudo é um caos, sabes. Como é que vamos fazer com que funcione?

O silêncio entre nós é demorado, mas, depois, ele finalmente responde:

— Não sei — reconhece. — Mas vamos. Nunca duvides disso. Nunca duvides de nós.

A paixão na sua voz apazigua-me e eu fecho os olhos enquanto ele me abraça. Agarro-me a ele, satisfeita com a sua certeza. Com a sua força.

E a desejar desesperadamente que ele seja suficientemente forte para esmagar por completo todos os meus medos e receios.

*Ninguém pode saber que vivem
uma paixão secreta... e escondê-la
só a torna mais escaldante.*

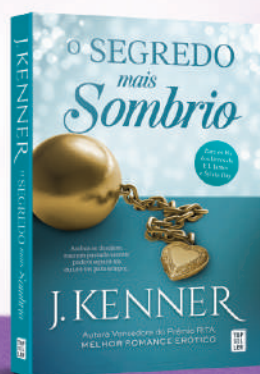
Dallas Sykes é conhecido pelas suas festas, pelo seu dinheiro e, acima de tudo, pelas inúmeras mulheres que leva para a cama.

No entanto, tanto ele como Jane Sykes, a mulher que deseja ardentemente e com quem vive um amor secreto, sabem que isso é apenas uma fachada para encobrir o coração de um homem que carrega um segredo demasiado sombrio: a tortura sexual a que foi submetido durante o rapto de que ele e Jane foram vítimas na adolescência.

Ambos prometeram viver intensamente a sua paixão e entregar-se ao incontrolável desejo que os une. Mas prometeram igualmente que não voltariam a ocultar segredos um do outro... até ao dia em que Dallas pensa ter descoberto a identidade de um dos seus sequestradores e decide não contar a Jane para não voltar a magoá-la.

Conseguirá o seu amor sobreviver a mais um segredo?

**Conheça o sensual
início da história
de Jane e Dallas:**



SÉRIE S.I.N.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-18-0



9 789898 869180

Romance Erótico